

1

Introdução

O presente trabalho tem como ensejo um interesse geral acerca da participação da afetividade na construção da subjetividade. No entanto, para que se possa ter uma compreensão mais clara e mais aprofundada, tanto do objetivo quanto da relevância desse trabalho, me parece pertinente primeiramente ressaltar algumas de minhas experiências mais relevantes para a elaboração do mesmo.

Durante o período em que cursei minha graduação em psicologia, tive a oportunidade de, a partir de 2006, conhecer e fazer parte de um grupo de pesquisa, coordenado pela professora Carolina Lampreia, que vem há algum tempo estudando o autismo. Naquele momento, esse grupo havia acabado de produzir um instrumento destinado a profissionais da área da infância com o propósito de sensibiliza-los em relação a possíveis sinais precoces de autismo. Pode-se dizer que a pesquisa referente aos possíveis sinais precoces de autismo, necessária a realização desse instrumento, apontou para importantes direções em relação a um possível entendimento do autismo e do desenvolvimento infantil. Por exemplo, essa pesquisa evidenciou a importância de estudos atrelados ao desenvolvimento típico dos diversos comportamentos de atenção compartilhada que surgem a partir dos nove meses de idade, que indicaram que as falhas no apontar declarativo por parte da criança autista e no seguir o apontar do adulto podem estar ligadas aos distúrbios de linguagem e do jogo simbólico, servindo como marcadores do autismo (Baron-Cohen, Allen, & Gillberg, 1992).

Pautado na ideia de que os comportamentos de atenção compartilhada poderiam ser entendidos como precursores da linguagem e do jogo simbólico, esse mesmo grupo iniciou um novo projeto¹ em 2006, do qual eu comecei a fazer parte, que teve como objetivo investigar o desenvolvimento típico da linguagem não verbal. Mais especificamente, o objetivo do projeto consistia em, através da

¹ A Observação do Desenvolvimento Típico da Comunicação Não-verbal: Subsídios para a Promoção do Uso da Linguagem no Autismo.

análise de vídeos de interação livre mãe-bebê, investigar quais comportamentos poderiam ser entendidos como precursores da linguagem verbal, para que a partir disso, fosse possível extrair subsídios para a promoção do uso da linguagem por parte do autista. Para isso, foi elaborada uma metodologia de análise de vídeos que permitiu identificar categorias que visassem descrever e analisar a fase inicial do desenvolvimento da comunicação afetiva até o surgimento da comunicação não-verbal entre os nove e doze meses de idade. Isso para que os resultados dessa análise contemplassem as diferenças entre o desenvolvimento típico e o não típico (no caso específico o autismo) para que pudessem ser melhor compreendidos os processos envolvidos na comunicação.

Um dos resultados desse projeto que teve maior relevância para os objetivos do presente trabalho foi a constatação de que uma das categorias de análise observada nos vídeos relacionados ao desenvolvimento típico, que não foi observada nos vídeos de crianças autistas, está relacionada aos comportamentos ligados ao conceito de “sintonia do afeto”. O conceito de “sintonia do afeto” foi criado por Stern (1992), psiquiatra que adota uma perspectiva apoiada na psicanálise e nas pesquisas realizadas pela psicologia do desenvolvimento, para pensar a experiência subjetiva do bebê. Stern (1992) concluiu que existiam aspectos gerais de um comportamento (como intensidade, timing e forma) que podiam, através dos afetos, ser igualados ou equiparados, a fim de formar a base para uma sintonia, uma “sintonia do afeto”. E ainda, para Stern, a sintonia do afeto seria responsável pela possibilidade de compartilhar estados afetivos, e talvez seria a maneira pela qual “você pode entrar ‘dentro’ da experiência subjetiva de outra pessoa e então fazer com que ela saiba que você está lá, sem usar palavras”(1992, p. 123). A não observação desse tipo de comportamento em vídeos ligados a crianças autistas me parece ser um resultado importante. Tal importância se dá pelo fato de a apresentação de dificuldades em relação a comportamentos ligados à “sintonia do afeto” em casos de autismo, que apresentam dificuldade também no uso da linguagem e no jogo simbólico, pode apontar, mesmo que de maneira insipiente, para uma relação próxima entre a sintonia do afeto e o uso da linguagem. Nessa perspectiva a sintonia do afeto poderia ser entendida de uma maneira semelhante aos comportamentos de atenção

compartilhada, ou seja, ambos podem ser entendidos como importantes precursores da linguagem e do jogo simbólico.

Outro resultado desse projeto, fundamental à proposição do presente trabalho, foi a observação de comportamentos ligados à sintonia do afeto em interações com bebês de menos de nove meses. Esse resultado me pareceu especialmente expressivo pois Stern (1992) postula a sintonia do afeto como um comportamento observado em bebês que já possuiriam um “senso de eu subjetivo”. Para Stern (1992), o “senso de eu subjetivo” está ligado ao período do desenvolvimento, situado a partir de aproximadamente nove meses, em que os bebês “gradualmente adquirem a importante compreensão de que as experiências subjetivas internas, o 'assunto em questão' da mente, são potencialmente compartilháveis com outra pessoa” (p. 111). Parece-me ser possível afirmar que, a partir de Stern, é possível entender que tanto os comportamentos de atenção compartilhada, como os ligados a sintonia do afeto, poderiam ser entendidos como comportamentos pertinentes a um senso de eu subjetivo. Nesse sentido, me parece plausível propor que ambos poderiam ser entendidos como precursores do uso da linguagem verbal e do jogo simbólico, já que tanto a linguagem como o jogo simbólico teriam como pré requisito um senso de eu subjetivo, ou seja, “a compreensão de que as experiências subjetivas são compartilháveis” (Stern, 1992, p. 111). No entanto, a observação de comportamentos ligados à sintonia do afeto em interações com bebês de menos de nove meses fez com que eu dedicasse minha atenção a investigar não só a importância da sintonia a partir do desenvolvimento de um senso de eu subjetivo, mas a investigar sua importância na construção desse senso de eu subjetivo.

Nesse sentido, a sintonia do afeto poderia ser investigada não como um fenômeno que aconteceria a posteriori do desenvolvimento de um senso de eu subjetivo, mas como um o primeiro veículo da linguagem, e como uma prática precursora dos comportamentos de atenção compartilhada e do jogo simbólico, e, portanto, como precursora do senso de eu subjetivo. Foi justamente ancorado nessa hipótese que pude esboçar na minha monografia uma investigação acerca dos comportamentos precursores aos comportamentos que exigem um senso de eu subjetivo. Mais especificamente, uma investigação acerca da participação do

compartilhar afetivo, proporcionado pela sintonia do afeto, na construção da subjetividade.

No entanto, a partir da realização dessa investigação, que por estar contida numa monografia aconteceu apenas de maneira muito insipiente, ficou evidente a importância de investigar de maneira mais ampla a participação da afetividade na construção da subjetividade. Mais especificamente, além de evidenciar a necessidade de uma investigação mais minuciosa acerca de pesquisas relacionadas ao desenvolvimento infantil, essa investigação, contida na monografia, evidenciou também que para se investigar as relações entre afetividade, construção da subjetividade e linguagem, se torna necessário primeiramente uma investigação filosófica acerca de diferentes maneiras de compreender o desenvolvimento do uso da linguagem, a construção da subjetividade e a relação entre ambos. Nesse sentido, uma pesquisa mais específica apontou a perspectiva pragmática de linguagem, apresentada por Wittgenstein (1953/2008), como uma grande aliada, capaz de fornecer os pressupostos filosóficos necessários à investigação que está sendo proposta no presente trabalho, amparando inclusive o descarte do uso de alguns pressupostos que se mostraram incompatíveis com a perspectiva que será evidenciada aqui, como, por exemplo, o entendimento do comportamento como símbolo de uma experiência afetiva, e a aquisição de uma suposta teoria da mente como uma condição necessária para a intersubjetividade.

Portanto, a partir do somatório dessas experiências que relatei, pude escolher um caminho específico para investigar as possíveis relações entre afetividade e a construção da subjetividade, ou mais especificamente, entre a afetividade e as possíveis condições necessárias ao desenvolvimento do uso da linguagem verbal e do jogo simbólico. Parece-me agora ser oportuno descrever e especificar que caminho seria esse.

Dito isso, o presente trabalho pretende abordar o desenvolvimento do bebê a partir de suas interações com o cuidador, tendo como horizonte uma investigação acerca da participação do intercâmbio afetivo na construção da subjetividade. Ou seja, será investigada a pertinência de se supor que interações onde ambos os participantes podem compartilhar algo de relevante da experiência afetiva um do outro possa ter uma importância especial na construção de uma

subjetividade capaz de participar das mais diversas atividades compartilhadas existentes na cultura, como por exemplo, os comportamentos de atenção compartilhada e a linguagem. Sendo assim, essa investigação torna-se relevante na medida em que seja possível considerar que essa qualidade específica de subjetividade seja tão comum ao desenvolvimento típico quanto estranha a alguns casos de Autismo.

Mais especificamente, o presente trabalho tem como objetivo investigar a possibilidade de conceituar uma inter-afetividade comum ao desenvolvimento típico como a capacidade que possibilita, caso haja interesse e engajamento de ambos os parceiros, uma interação onde ambos compartilham algo de relevante da experiência afetiva um do outro. Isso nos permite, em um segundo momento, investigar a participação desse tipo de interação no desenvolvimento da subjetividade. Nesse sentido será investigada a pertinência de se supor que essas interações, nas quais a experiência afetiva é compartilhada, possam vir a atuar como uma atividade precursora da possibilidade de participar de atividades que necessitem a capacidade de fazer uso da atenção compartilhada. Ou seja, será proposto que esse compartilhar afetivo atuaria como um berço sob o qual uma qualidade específica de subjetividade, onde uma experiência qualquer não é tida como privada, e sim compartilhada, pode se desenvolver. Essa investigação tem como horizonte as interações entre o bebê e seus possíveis cuidadores situadas entre o nascimento e o período por volta dos nove meses, onde os comportamentos de atenção compartilhada começam a ser observados. Dessa forma, a partir da observação dos comportamentos de atenção compartilhada, poderíamos atribuir ao bebê a capacidade de se relacionar com seus co-específicos, como se estes fossem semelhantes capazes de compartilhar uma experiência, por exemplo em relação a um terceiro objeto.

Sendo assim, o caminho escolhido para a realização da investigação proposta aqui, acerca dos precursores da capacidade de compartilhar experiências, por levar em consideração as interações afetivas mais primitivas entre o bebê e o cuidador, parece ter uma relevância especial se consideramos a maioria da literatura vigente relacionada ao desenvolvimento dos comportamentos de atenção compartilhada. Digo isso levando em consideração, por exemplo, autores que se

situam na mesma corrente teórica de Tomasello, psicólogo e pesquisador americano de grande relevância para os estudos da comunicação e da atenção compartilhada se apoia nas pesquisas com neonatais de Meltzoff e Gopnik (1993), que indicam que as interações neonatais refletem uma tendência dos bebês de não só imitar movimentos conhecidos (como protrusões de língua), mas, em certo sentido, se “identificar” com co-específicos. Tomasello postula que a compreensão precoce que os neonatos têm dos outros “como eu” (2003) seria resultado de uma adaptação biológica exclusivamente humana, que não teria grandes efeitos até que o bebê, aos nove meses, de alguma maneira que não estaria clara, se daria conta da sua intencionalidade e assim paria a entender o outro “como eu”, ou seja, como sujeito intencional igual a si. Entretanto, não considero que essa argumentação descreva bem os precursores da atenção compartilhada, pois não atribui devida ênfase às interações sociais, o que acaba por gerar um vácuo entre as possíveis identificações neonatais e os comportamentos de atenção compartilhada observados apenas por volta dos nove meses.

A partir desse panorama é possível afirmar que a relevância do presente trabalho está intimamente ligada ao vácuo deixado por esse tipo de argumentação, que parece criar problemas para uma compreensão mais minuciosa dos processos mais primitivos envolvidos no desenvolvimento do uso da linguagem verbal e do jogo simbólico, impossibilitando assim a criação de novos subsídios para uma intervenção precoce mais eficiente em relação a casos como, por exemplo, o autismo. Sendo assim, me parece urgente e relevante uma argumentação que considere a importância das mais primitivas interações sociais para o desenvolvimento da linguagem e do jogo simbólico. Pensando especificamente a participação de um intercâmbio afetivo mútuo nessas interações, em vez de considerar apenas a “inter-intencionalidade” como propõe Tomasello(2003).

A proposta de investigar o desenvolvimento da linguagem considerando especificamente a importância da inter-afetividade, no lugar da inter-intencionalidade, parece ser pertinente na medida em que, amparando-se em pesquisas relacionadas ao desenvolvimento infantil, se torna possível entender que a inter-afetividade, diferentemente da inter-intencionalidade, se apóia numa

capacidade inata de ser sensível aos afetos de outra pessoa. Por outro lado, as propostas que consideram a importância da inter-intencionalidade perpetuam um vácuo no entendimento dos precursores da atenção compartilhada, visto que a intencionalidade, ou seja, comportamentos que envolvem coordenação de meios e fins, só são observados em bebês com aproximadamente nove meses.

Pautado nisso, torna-se interessante para a realização dos objetivos propostos neste trabalho, dividi-lo em cinco capítulos, sendo o primeiro a presente introdução, seguido de mais três capítulos de desenvolvimento e um último de conclusão. No segundo capítulo pretendo delimitar um horizonte de entendimento acerca da relação entre afeto e comportamento a partir de uma análise comparativa acerca de duas diferentes perspectivas de linguagem, a perspectiva representacionista e a perspectiva pragmática, investigando, em um primeiro momento, como essas diferentes perspectivas concebem a relação entre signo e significado para que tal relação possa ser transposta para a relação entre experiência afetiva e comportamento. Ou seja, para que a partir dessa análise se torne possível delimitar se essas perspectivas concebem o comportamento como um símbolo da experiência afetiva, no sentido de uma coisa que fica no lugar de outra coisa, ou como algo que faz parte da experiência afetiva, se posicionando a favor dessa última perspectiva. A partir disso, será proposto, ao fim desse capítulo, que seria justamente devido à possibilidade do comportamento ser parte da experiência afetiva, que poderíamos supor que essa experiência não é privada, e, portanto, pode ser intercambiada.

No terceiro capítulo irei propor a delimitação de um possível entendimento acerca do que será chamado de inter-afetividade, tendo como referência para tal delimitação a exploração de dados observáveis e pertinentes a pesquisas relacionadas ao desenvolvimento infantil. Isso torna possível apresentar a inter-afetividade como um instrumento que permeia as relações interpessoais possibilitando assim uma qualidade específica de relação, em que a experiência afetiva pode ser compartilhada, ou intercambiada. Nesse sentido, pretendo ainda utilizar os comportamentos de “sintonia do afeto”, assim como descritos por Stern (1992), como um parâmetro possível para definir que durante uma interação, ambos os parceiros tenham compartilhado ativamente alguma qualidade da

experiência afetiva um do outro, indicando assim a ocorrência de um intercâmbio afetivo mútuo.

No quarto capítulo, irei investigar a participação dessas interações, anteriormente delimitadas pelo conceito de sintonia do afeto, na construção da subjetividade. Mais especificamente, será investigada a participação dessas interações na construção de uma qualidade específica de subjetividade, que estaria sendo considerada como uma condição necessária para os comportamentos de atenção compartilhada. Para isso será investigada a pertinência de supor que os comportamentos de sintonia do afeto ocorrem antes dos comportamentos de atenção compartilhada, amparando assim a proposta que está sendo assumida nesse trabalho, de um entendimento da sintonia do afeto como um precursor dos comportamentos de atenção compartilhada. Ainda, será argumentado que essas interações, em que ambos os parceiros compartilham algo de relevante da experiência afetiva um do outro, fornecem um contexto para o desenvolvimento de uma subjetividade que vivencie uma experiência qualquer como algo compartilhável, e não como algo privado ou isolado de um contexto intersubjetivo. Nesse sentido, pretendo delimitar um entendimento acerca do desenvolvimento da subjetividade, onde a subjetividade é considerada como algo que se desenvolve a partir de um contexto intersubjetivo, que estaria disponível desde o nascimento, caso haja engajamento dos cuidadores. Ao final, será investigado também como essa perspectiva, acerca da construção da subjetividade, se entrelaça com a perspectiva acerca do desenvolvimento da linguagem, assumida anteriormente. Dessa forma evidencia-se o fato de ambas as perspectivas assumidas aqui, seja em relação ao desenvolvimento da subjetividade ou da linguagem, se ampararem em um entendimento de uma relação intersubjetiva entre os seres humanos disponível desde o nascimento, pelo menos no que tange ao desenvolvimento típico.

No quinto e último capítulo, pretendo, a partir de uma revisão do que foi investigado ao longo do presente trabalho, indicar possíveis conclusões pertinentes aos argumentos aqui apresentados. Dentre elas, cabe destacar a delimitação de um intercâmbio afetivo mútuo como o veículo primeiro da linguagem e como a atividade precursora dos comportamentos de atenção

compartilhada e das demais práticas compartilhadas existentes na cultura. Nesse capítulo serão feitas, ainda, considerações acerca de quais horizontes de investigação podem ser evidenciados a partir das conclusões obtidas neste trabalho. Nesse sentido, será ressaltada a pertinência da realização de uma investigação futura, cujos objetivos estejam relacionados a uma investigação minuciosa acerca das possíveis consequências da perspectiva aqui apresentada, para o embasamento de uma prática clínica.